

As representações femininas no romance anarquista *Ideólogo*, de Fábio Luz

Luciane Munhoz de Omena
Maria Aparecida Munhoz de Omena
Altino Silveira Silva

Resumo: No presente artigo, analisaremos as estratégias de afirmação social das mulheres no início do século XX a partir do romance anarquista *Ideólogo*, de Fábio Luz. Discutiremos as ações particulares que o romancista desenhou para as três personagens centrais: Martha, Eulina e Elsa, levando-se em consideração, a relação dialética entre indivíduos e outros indivíduos; entre esses e as estruturas, como nos sugere o individualismo metodológico.

Palavras-chave: Mulher. Educação. Anarquismo. Poder.

Abstract: In the present article, we'll analyze women tatics of social statement from anarchist novel *Ideologist* by Fábio Luz. We will discuss the particular actions which the writer has drawn to the main three characters: Martha, Eulina and Elsa. We will also consider the dialectic relationship among individuals and other individuals; among these ones and the structures, as the methodological individualism suggests to us.

Keywords: Woman. Politics. Anarchism. Power.

Luciane Munhoz de Omena. Doutora pelo programa de Pós-Graduação em História Social da FFLCH/USP, sob orientação do professor Dr. Norberto Luiz Guarinello e projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP. Docente na UFG.

Maria Aparecida Munhoz de Omena. Doutora no Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura do IBILCE/UNESP Campus de São José do Rio Preto.

Altino Silveira Silva. Especialista em História (UFES), Especialista em Direito Material e Processual do Trabalho (ESA) e Bacharel em Direito (FDV).

Podemos, dessa maneira, distinguir dois tipos de busca da verdade. O primeiro é o que nasce da decepção, da incerteza e da insegurança e, por si mesmo, exige que saímos de tal situação readquirindo certezas. O segundo é o que nasce da deliberação ou decisão de não aceitar as certezas e crenças estabelecidas, de ir além delas e de encontrar explicações, interpretações e significados para a realidade que nos cerca.

Marilena Chauí

Ignorância e Verdade, 1998

Desde meados da década de 1960 diversos grupos feministas, baseados nos diferentes campos das ciências humanas, desenvolveram estudos tendo por objeto o gênero feminino inserido no tempo e no espaço social. Essas análises, talvez, eram os frutos do processo que permitiu uma maior visibilidade feminina na sociedade Ocidental, derivado da ampliação das mulheres com participação ativa, sobretudo, dos setores médios e superiores urbanos. As análises historiográficas sobre as mulheres são recentes, marcadas por três elementos: primeiro, a explosão do tema a partir da década de 1970, segundo, as novas investigações históricas promovidas pelas Histórias das Mentalidades, Histórias das Minorias, Histórias das Infâncias e por último, conjugou-se com o desenvolvimento de novos estudos nos campos da Antropologia e da Sociologia.¹ Pretendia-se, como afirma Sarah Pomeroy, “conhecer melhor os sentimentos, a sexualidade, o mundo privado das mulheres; eu diria que se tratava de lhes dar ao mesmo tempo um lugar na História e uma História que lhes fosse própria”².

A busca de uma identidade feminina possibilitou a análise da relação entre os sexos. Essa nova preocupação abriu possibilidades às investigações sobre a atuação feminina na produção, nos bens, nas dádivas, nos gestos rituais, no vestuário, na morte etc. Um exemplo disto são as pesquisas sobre a divisão dos papéis e como se organizavam os espaços em função deles no

¹ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, v. 16, n. 02, 1990. p. 5-22.

² POMEROY, Sarah Apud PANTEL, P. Schmitt. A história das mulheres na história da Antigüidade, hoje. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no ocidente*. Lisboa: Afrontamento, 1990. p. 592.

mundo antigo. “As análises da tragédia e da comédia Ática na época clássica mostraram como a divisão dos sexos e a encenação do feminino serviram para pensar problemas fundamentais para a cidade, como os limites do poder, a guerra, a reprodução do corpo cívico”³.

³ *Ibidem*, p. 593.

O determinismo da divisão de papéis (que estabelece os domínios de estratégias femininas e masculinas como coisas distintas, como, por exemplo, vincular a mulher sempre em domínio privado e o homem em domínio público) apresenta um sério problema: não privilegia o fenômeno social enquanto interação de agentes. A mulher e o homem, juntos, participam dos espaços sociais, afinal as ações sociais são marcadas pela desigualdade entre homens e mulheres e resultados de processos injustos e não disposições naturais ou qualidades de quem é capaz de apreciar ou resolver assuntos de interesses individuais ou coletivos. Contudo, “poderia ser dito que a história das mulheres atingiu certa legitimidade como um empreendimento histórico, quando afirmou a natureza e a experiência separadas das mulheres, e assim consolidou a identidade coletiva das mulheres”⁴.

⁴ SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 84.

Como afirma Scott, essa separação conduz a uma dupla face: a construção da legitimidade da História das mulheres na disciplina e a afirmação de sua diferença na “História”. Encontram-se, então, duas exigências: “inserir todo o estudo sobre as mulheres na História Global e a de dar às investigações sobre as mulheres, senão uma iluminação teórica, pelo menos uma armadura conceptual”⁵.

⁵ *Ibidem*, p. 594.

Dessa forma, identificar o agente feminino no universo global viabiliza o estabelecimento das diferenças entre indivíduos e grupos sociais. Como propõe Raymond Boudon, “todo o fenômeno social, qualquer que seja, é sempre resultado de ações, atitudes, de convicções e em geral de comportamentos individuais”⁶. A noção de individualismo perpassa pelas causas individuais, que consiste em analisar as razões que

⁶ BOUDON, Raymond (Org.). *Ação. Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 33.

⁷ O individualismo metodológico tem como função explicar o fenômeno social através das causas individuais. Seu princípio parte do pressuposto que suas origens são ações individuais. Ver em, BOUDON, Raymond (Org.). *A ação*. In: *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

⁸ Fábio Luz nasceu em Valença, província da Bahia, em 1864, formando-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1888, onde viveu até 1938, ano de seu falecimento. Em relação as suas obras, teve inúmeras publicações, inclusive pelas maiores editoras do período, Garnier e Francisco Alves. Escreveu obras didáticas (“infantis”), opúsculos e panfletos, folhetins, vários artigos em periódicos (anarquistas ou não), além de alguns livros e ensaios de crítica literária. Como romancista, Fábio Luz publicou as seguintes obras: *Novelas* (1902), *Ideólogo* (Altina, 1903), *Os emancipados* (1906), *Virgem-mãe* (Garnier, 1910), Elias Barrão e Xica Maria (Francisco Alves, 1915), *Nunca!* (Leite e Ribeiro, 1924) e *Manuscrito de Helena* (Olimpica, 1951).

Esses romances anarquistas, em especial *Ideólogo*, constituem-se por três elementos: a descrição de uma sociedade burguesa, a apresentação e crítica das contradições desta sociedade, além da projeção de uma sociedade utópica fundamentada nos preceitos do ideário anarquista. Estas três características essenciais dessa experiência literária — *Ideólogo* e *Regeneração*, de Curvelo de Mendonça — possuem os três elementos de maneira clara e detalhada. Tivemos outros autores, como Avelino Fosco-lo, Manuel Curvelo de Mendonça,

levaram os atores sociais a fazer o que fazem ou a acreditarem naquilo em que acreditam. O indivíduo não é isolado em seu espaço, pelo contrário:

*O ator [que] foi socializado, que está em relação com outros atores, os quais, tal como ele próprio, ocupa papéis sociais etc. De modo geral, o individualismo metodológico reconhece indistintamente que o ator social se move dentro de um contexto que se lhe impõe em larga medida.*⁷

O individualismo metodológico não desautoriza que se agrupem os atores em categorias, desde que eles se encontrem numa situação semelhante e possa se observar uma atitude análoga. Portanto, não exclui os fenômenos coletivos. Nesta perspectiva, objetivamos analisar o universo feminino no início do século XX, no Brasil, a partir do romance anarquista *Ideólogo*, de Fábio Luz⁸. Discutiremos as ações particulares que o romancista desenhou para as três personagens centrais: Martha, Eulina e Elsa⁹, levando-se em consideração, a relação dialética entre indivíduos e outros indivíduos; entre esses e as estruturas, como nos sugere o individualismo metodológico.

Iniciemos, então, a análise das personagens femininas pela ordem da sua aparição no romance. Martha é a primeira a ser apresentada pelo autor. Anselmo, esposo de Martha, trabalha como advogado penal para auxiliar os indivíduos que vivem à margem do Estado. A sociedade, para ele, é repleta de injustiças sociais. Em um diálogo com o personagem Alcebiades, diz: “Não são eles os culpados, os culpados somos nós. Nós que os privamos do pão como alimento e do pão espiritual. Somos nós com o nosso egoísmo que os precipitamos no crime”¹⁰. Além de denunciar o sistema penitenciário como venal. O preso ao sair da casa de detenção é reeducado a ser um assassino. De acordo com Anselmo, não há interesse de reintegração do condenado, mas um forte consenso para a manutenção da sujeição, reforçada por uma sociedade corrup-

ta. Anselmo narra sua experiência a Alcebiades.

Sei somente, por experiência, que as penitenciárias não são os meios de regeneração como se apregoa. O miserável que furta hoje um pão ou uma galinha para não morrer de fome vai diplomar-se no vício na Casa de Detenção; saindo de lá depois de uma sentença de alguns meses é um candidato à Casa de correção; vem habilitado na manobra de todos os instrumentos e objetos próprios para o roubo (...). Em uma sala de tribunal (...) encontrarás caras patibulares e lombrosianas entre os juizes, e no séquito enorme de oficiais de justiça, de contínuos e de serventes. Dentre os jurados, ou membros de junta correcional, falsários, moedeiros falsos, empregados públicos concussionários, criminosos protegidos pelo ouro e pelo patronato.¹¹

As críticas de Anselmo recaem, em específico, à Instituição Estatal que não se importa, em absoluto, com os delinquentes, nem com a sua punição ou reinserção social. Ocupam-se de um conjunto de mecanismos que controlam, seguem, punem e reformam o delinquentes. A analítica do poder trata do ponto de vista do objetivo, da eficácia tática, de um campo múltiplo onde se traduzem efeitos globais de dominação, jamais estáveis, num modelo estratégico.

O poder, no entanto, nem sempre é estabelecido pela repressão. Essa premissa deriva do fato de que o exercício do domínio hegemônico não procurou sustentar-se apenas pelo uso dos instrumentos de repressão, mas, também, nos meios de convencimento. A educação, a medicina e o direito procuravam incidir na psique humana os valores ditos “aceitáveis” e possibilitar assim o autocontrole individual. Era, com efeito, a “naturalização” da ordem. Por um lado, o saber não é um monobloco uniforme, no corpo social coexistem forças com temperamentos e sensibilidades diferentes, dotados de identidade própria, e devido a isto as propostas intelectuais de tendência contra-hegemonicas, por outro lado, eram mostradas pelos aparelhos dominantes de difusão do conhecimento como

Domingos Ribeiro Filho, que produziram ficções inspiradas em idéias anarquistas. Consultar: LUIZETTO, Flávio. O recurso da ficção: um capítulo da história do anarquismo no Brasil. In: PRADO, Antônio Arnoni (Org). *Libertários no Brasil*. memória, lutas, cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.132-133.

⁹ A documentação de caráter não-ficcional, exatamente por pretender se ater aos fatos, acaba por ser incapaz de criar um quadro geral das instituições que retrata. A ficção, por sua vez, ao pretender tornar verossímeis essas situações, produz retratos do que parecia ao autor e aos seus leitores o que era próprio dessas. Em outras palavras, quando o autor não ficcional retrata uma mulher, ele restringe a ela e o faz porque a mesma é excepcional (caso contrário não mereceria atenção). A literatura “pode, portanto, nos revelar aspectos importantes das formas de pensar e sentir de uma determinada sociedade. Os romances traduzem os anseios, captam as angústias, fantasias, desejos de uma determinada época, e não apenas uma classe social, a que pertencia o autor. Além do mais, a literatura constrói a sua representação do fenômeno, que tanto pode atuar como ponto de referência para o leitor, como responder às suas aspirações”. RAGO, Luzia Margareth. *Os prazeres da noite* prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo (1890-1930). Campinas: UNICAMP, 1990 (Tese de Doutorado).

¹⁰ LUZ, Fábio. Ideólogo. Rio de Janeiro: Typographia Altina, 1903, p. 18.

¹¹ *Ibidem*, p. 18-19.

¹² FOUCAULT, M. Poder – Corpo. In: *Microfísica do poder*. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p.148. Segundo, Edson Passetti: O que está em jogo para Foucault são as lutas transversais, não limitadas a um país; são lutas cujos objetivos são efeitos de poder enquanto tal; são lutas imediatas e anárquicas contra o inimigo imediato e contra soluções futuras (liberações, revoluções, fim da luta de classes); questionam o estatuto de indivíduo, os privilégios de saber e se posicionam, simultaneamente, contrárias ao segredo, o motor-contínuo das burocracias modernas, negando o dogmatismo cientificista. O principal objetivo destas lutas é atacar, ao mesmo tempo, as técnicas e as formas de poder. PASSETTI, E. Foucault Libertário. *Margem*. Faculdade de Ciências Sociais – PUC – SP, 1996. p. 145.

¹³ *Ibidem*, p. 147.

¹⁴ LUZ, Fábio. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Typographia Altina, 1903. p. 42. Em uma passagem anterior, Anselmo demonstra o quanto o Estado é maléfico, pois prejudica o operariado, legitima a exploração de menores e privatiza as indústrias em troca de dinheiro: “Os operários estão sem trabalho; os processos financeiros do *fundings loan* empobreceram a indústria, mataram quase a lavoura. Não aparecem já greves a propósitos de salários? E o Estado sempre a matar o operário, despedindo turmas e turmas dos arsenais para entregar mediante somas fabulosas as construções a industriais estrangeiros, concedendo a título de educação foros de casa de correção infantil a uma exploração infantil a uma exploração capitalista da infância transviada” (p. 24/25).

“inviáveis”, “não-naturais” ou “perigosas” para a prosperidade de todos os homens.

*É preciso se distinguir dos para-marxistas como Marcuse, que dão à noção de repressão uma importância exagerada. Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos no nível do desejo — como se começa a conhecer — e também no nível do saber.*¹²

De acordo com esta perspectiva, o processo revolucionário só é eficiente e, com isso, não interrompendo se compreender que o poder não está localizado no aparelho do Estado. Segundo Foucault, nada mudará na sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado dos aparelhos do Estado não forem modificados. Em um nível muito mais elementar, o cotidiano. Tal discussão vincula-se a uma “polivalência tática dos discursos foucaultiano e anarquista anti-soberanos, em benefício do autogoverno. Parceiros pela analítica poder-saber ou pela relação autoridade-liberdade caminham para a redução da autoridade e ênfase nas resistências para conter os poderes”¹³.

Encontramos, no cerne destas questões, uma semelhança às idéias propagadas pelo protagonista Anselmo. Este condena o Estado por promover o desgoverno, incapaz de resolver os problemas sociais. Citemos *in extenso*.

*Em pouco tempo apareceram os impostos, qualificação de votantes, construção de estrada e sua conservação. Foi desaparecendo a paz camponesa. Formaram-se opiniões políticas, vieram as rixas das divisas, as disputas dos vizinhos, as demandas e a separação das famílias e os ódios da politicagem. Ele soubera de tudo, e compreendera como o Estado perturba e impede a tendência constante do homem para a felicidade.*¹⁴

Anselmo com ideais mais humanitários não acredita na forma de governo vigente do período: a República. Parece-nos que Anselmo tomara consciência de que os problemas da humanidade, em especial as desigualdades, não eram somente de ordem política ou material, e, sim, principalmente, de ordem social. Ou seja, o resultado de processos injustos. “Ele queria a comuna. Seu ideal era a comuna, e ele tinha ainda pejo de confessar a si mesmo: era a comuna”¹⁵. Propunha a revolução para a conquista de seus ideais. Aos olhos de Anselmo,

*é a revolução! É a reivindicação enfim! A reação igual à ação! Dos campos, das aldeias marcham em ordem os espoliados de outrora que vêm entrar na posse de seu direito. Das oficinas, das fábricas saem os famintos, que vem gozar o produto de seu trabalho sonhando pelo industrialismo capitalista. São pelotões, são exércitos. É a humanidade quase inteira que sacode o jugo de uma minoria ínfima de gozadores.*¹⁶

É neste ambiente que surge a personagem Martha: às avessas de Anselmo. Por um lado, o marido desejava viver em uma colônia de iguais, com “instrumentos aperfeiçoados de agricultura, (...) oficinas, uma pequena biblioteca”¹⁷; Martha, por outro, não suportava nem sequer ouvir as intenções de Anselmo. Ela dizia de maneira irônica:

*A felicidade?! No campo? No meio daqueles brutos, desses inferiores de mãos calosas e roupas sujas? Todos os dias em contato com essa gente repugnante, de caras patibulares? Não: tu queres a infelicidade para mim, enquanto te satisfazes nesse meio que parece ter sido sempre o teu.*¹⁸

Martha era tipicamente burguesa. Representava a família nuclear, reservada, voltada sobre si mesma, instalada numa habitação aconchegante. Além disso, fora criada para ter um bom preparo e educação para o casamento, tanto quanto preocupações estéticas, com

¹⁵ *Ibidem*, p. 44.

¹⁶ *Ibidem*, p. 147. Para consolidar seu ideal de igualdade, utiliza-se e elogia o modelo realizado por Antônio Conselheiro, em Canudos: “Antônio Conselheiro fez-se orientador das massas uma nova religião, aplicou o doce comunismo cristão aos sertanejos jagunços e tais eram os seus dotes morais e o seu prestígio intelectual que formou uma comuna exemplar nos sertões inóspitos (...). Organizou a seu modo a sua comuna sem governo e sem potentados (...) era no modelo de organização comunal; era na liberdade sem peias; era na felicidade sem as complicações *sollícias* dos governos que estava o perigo. Eles eram felizes na sua fé ingênua, na sua igualdade de ir-mãos. O Estado não podia consentir em tal” (*Ibidem*, p. 152-153). Neste mesmo trecho, Anselmo faz uma interessante comparação entre Tolstói e Conselheiro: “Tolstói é um homem culto, um homem de letras, um apóstolo: Antônio Conselheiro era um homem do povo, quase analfabeto. Entretanto foi igual sua missão na terra. Tolstói continua a sua propaganda mística com a sua religião pura dos evangelhos. Antônio Conselheiro evangelizou a sua religião nova, e organizou a seu modo a sua comuna” (*Ibidem*, p. 152-153).

¹⁷ *Ibidem*, p. 169.

¹⁸ *Ibidem*, p. 72. Segundo Anselmo, dever-se-ia trabalhar “em comum no campo e nas oficinas; o produto de nosso labor será para toda a colônia; todos trabalharão e todos gozarão (...). A felicidade não é um bem inestimável? Não haverá distinção alguma entre nós, a terra será de todos e quanto ela produzir aproveitará a todos” (*Ibidem*, p. 70).

a moda ou com a casa. No trecho abaixo, Anselmo, ridiculariza o universo burguês através da mulher, dizendo:

*de uma mãe de família prometedor de uma prole forte e sã fizeram uma histérica. Se fosse educada na liberdade fecunda dos campos, habituada ao trabalho e a fadiga, seria uma esposa exemplar. Meteram-na num internato de irmãs de caridade, ensinando-lhe piano, italiano, Inglês, meteram-na nos misticismos das comunhões nas consagrações a Maria, com uma série enorme de cânticos apaixonados e amorosos ao Coração de Jesus, e ensinaram-lhe a ter os olhos baixos perante todos, enquanto ela se viciava nos dormitórios. Fizeram-na hipócrita e carola. Aprendera sua Martha a rezar e a interpretar a Bíblia como um vigário, a bordar paramentos a ouro, a fabricar ramalhetes de penas e lãs finas; mas não aprendera os deveres de dona de casa. Não aprendera a ser esposa e mãe, não aprendera a lutar pela vida se não conseguisse casar.*¹⁹

¹⁹ *Ibidem*, p. 75-76.

Tais reflexões nos remetem ao pensamento anarquista, ao tocar na questão da necessidade de o indivíduo crescer em liberdade. O teórico e ativista Proudhon (1997), por exemplo, entende a liberdade, a igualdade entre os homens e a ajuda mútua como os únicos elementos propiciadores da verdadeira felicidade. Este pensamento atua como ponto de partida para que as mulheres se conscientizem sobre a relevância de sua libertação, diante de uma sociedade machista/sexista e opressora, e, ao mesmo tempo, busquem a possibilidade do amor livre, da maternidade e na justiça social. Tivemos grandes líderes femininas que lutaram, arduamente, para conquistar seus espaços e uma sociedade mais igualitária. Talvez, a mais importante, tenha sido Maria Lacerda Moura. Ela escreveu em 1925 sobre a importância da mulher na sociedade. Como veremos a seguir, a figura feminina é quase santificada. Vejamos:

Todos os oprimidos nasceram de ventres femininos, sufocados os

corações num lampejo de dores e bênçãos.

Para cada criança nascida na sociedade, temos um dever a cumprir.

E a criatura nasce com direito à luz da vida, à aurora do pensamento, ao beijo do amor.

Cada coração feminino deve ser a creche imensa, para conter a Humanidade. E, para agasalhar os ventres fecundos — cada alma de mulher deve ser uma infinita maternidade (...).

É preciso, pois, elevá-la a alturas inconcebíveis, dar-lhe coragem, estimulá-la ante a responsabilidade dessa missão de Beleza, missão regeneradora; fazer dela o novo Evangelho da Redenção, pronta para o sacrifício de si mesmo, em busca de novas esperanças, para conforto, para a força moral dessas cortes de idealistas da Cidade Futura.²⁰

Todas essas discussões tiveram uma grande ênfase devido à invasão das mulheres no cenário urbano: sejam ricas ou pobres. No entanto, não diminuíram as exigências morais relativas à virgindade. De acordo com Rago, ao contrário,

quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o ônus do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho. Todo um discurso moralista e filantrópico acena para ela, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize.²¹

O movimento operário, mesmo associado às idéias libertárias, também não admitia a presença feminina nos espaços públicos, especialmente, nas indústrias. Mesmo assim, desde a instalação das primeiras fábricas têxteis no Brasil, na segunda metade do século XIX, 78% dos trabalhadores eram do gênero feminino (NADER, 2001). Em uma assembléia realizada na UOFT (União do Operariado da Frente Trabalhista) um operário revolta-se com a substituição do homem pela mulher nas indústrias têxteis:

²⁰ MOURA *Apud* CORREIA, Francisco. Mulheres libertárias: um roteiro. In: PRADO, A. A. *Libertários no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

²¹ RAGO, L. Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 63.

*nós não devemos ensinar (o trabalho) a essas mulheres que amanhã nos virão a substituir, mas devemos fazer-lhes compreender que o seu lugar é em casa, a tratar e educar seus filhos (...); oxalá que elas saibam compreender seu papel de educadoras daqueles que amanhã serão os nossos substitutos na luta do pão e na conquista do bem-estar da humanidade, pois, assim, demonstrarão à sociedade serem as verdadeiras rainhas do lar.*²²

²² A razão *Apud* RAGO, L. Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 169.

O Jornal Operário Avanti, de 12 de outubro de 1901, denuncia a insalubridade, a falta de higiene, os perigos no ofício e os mandos desumanos e por vezes sexuais, dos patrões para com as mulheres que trabalhavam nas fábricas. Isso significava que, apesar mesmo do ideal social ver o trabalho da mulher fora do ambiente doméstico como desprezível, um grande contingente feminino participou da força de trabalho do país. Entretanto, em ambos os pronunciamentos socialistas, também foi possível identificar o modelo de passividade e das esferas público/privado que caracterizava a idealização burguesa ao dirigi-las sempre aos seus deveres “naturais” como zelosas mães e esposas.²³ Necessitava-se, portanto, impor padrões ‘higiénicos de casamento e vida familiar. O apoio sindical à preservação do espaço do mercado de trabalho dos homens impunha “estereótipos de fragilidade feminina às mulheres que haviam enfrentado turnos de trabalhos brutais, garantia o trabalho doméstico de mulheres sem pagamento e contribuía para impor à classe operária urbana o modelo de família burguesa”²⁴.

²³ NADER, M. B. *Mulher: do destino biológico ao destino social*. Vitória: EDUFES, 2001.

²⁴ BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil de 1914-1940*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 10.

A historiadora Margareth Rago reconhece que, embora a imprensa feminina tenha passado por momentos progressistas, ao atuar no sentido de uma redefinição do modo de subjetivação da mulher, fazendo-a refletir sobre o seu ingresso no mercado de trabalho e em todos os campos da vida social desfrutados pelo homem, bem como em seus direitos salariais, ainda existem “aspectos conservadores, moralistas e até obscurantistas, como em relação à entrada de filmes estrangeiros e à crescente influência do cine-

ma”²⁵. Os grupos feministas que participaram de congressos socialistas e de greves reivindicavam a participação mais ativa da mulher e buscaram ressaltar a idéia do êxito feminino em setores de atividades comumente ocupadas por homens, não como uma vitória individual, mas como uma prova da capacidade feminina.

No romance *Ideólogo* encontramos uma dosagem de moralismo e de críticas entre personagens condenados pela doutrina anarquista, obstinada defensora da igualdade entre os indivíduos. Anselmo, por exemplo, além de recriminar Martha por seu senso capitalista e sua recusa de viver numa comuna, também critica duramente a personagem Eulina, especialmente em seu matrimônio. O marido, Alcebiades, igualmente é recriminado. O protagonista acusa ambos de viverem uma união artificial, um negócio. O próprio Alcebiades comenta a Anselmo a natureza de sua união.

*Como sabes, não fiz casamento de amor, nem me preocupo com sentimentalismo e cousas do coração, que não sejam orgânicas. Quero glória, renome, e considero a esposa um acessório indispensável ao médico (...) Minha mulher é um rico bibelot, faz parte da série de anúncios e agradecimentos que mando publicar. Bem sabes que é chic e rende a narrativa de uma festa em gazetas em que se diz: Mme. Alcebiades Noronha vestia etc.*²⁶

Alcebiades, nesse mesmo diálogo, recusa-se em ter filho para não deformar o corpo de Eulina. De acordo com suas palavras: “bem compreendes que um filho deformaria minha mulher, e por meses ela não poderia aparecer na sociedade; além das massadas da criação, moléstias, mil cousas”²⁷. As críticas a Alcebiades e a Eulina representam a aceitação dos papéis primordiais e essenciais das mulheres: os de esposa e mãe. De certa forma, Fábio Luz compartilhava da convicção de que a regeneração nacional dependia da saúde moral e física de cada uma de suas famílias. O protagonista Anselmo enfatizava o estereótipo de “dona-de-casa-esposa-mãe”, dizendo:

²⁵ RAGO, L. M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo (1890-1930)*. Campinas: Unicamp, 1990 (Tese de Doutorado). p. 108.

²⁶ LUZ, Fábio. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Typographia Altina, 1903. p. 12.

²⁷ *Ibidem*, p. 12-13.

*A sociedade atual é um estímulo às más índoles, é uma perversão para as boas. Trata-se de desviar a mulher da maternidade, a sua mais nobre função, e não se lhe procura desenvolver as aptidões para a procriação. Atrofiam e deformam os corpos, por elegância, para conseguirem cinturinhas de vespa (...) Vão despoando os lares, e desorganizando a família, base fundamental da felicidade humana, e elemento irrecuperável de aperfeiçoamento moral, e do progresso. Para ser boa mestra, é preciso ver no aluno o filho, é preciso amar a criança, identificar-se com ela pelo amor dos filhos.*²⁸

²⁸ *Ibidem*, p. 220.

Identifica a ruína de Alcebiades por ter tido como companheira uma “boneca de salão”²⁹. Além de recusar-se a ser rainha do lar, Eulina possuía diversos amantes. Seu sogro, o comendador Noronha, encontra a nora na cidade e escuta o seguinte diálogo: “Com quem está agora Noronha”? “Do Dr. Alcibiades”? Sim. Com o Sampson corretor”³⁰. O que mais assustava o comendador, entretanto, foi saber que o filho tinha conhecimento das jogatinas da mulher. O diálogo prossegue: “Coitado! O pobre marido enganado. Qual enganado! Ele sabe de tudo. Com o Sampson era o que se via, agora é com o Torres. Amigos íntimos. Um safardana”³¹.

²⁹ *Ibidem*, p. 77.

³⁰ *Ibidem*, p. 91.

³¹ *Ibidem*, p. 91.

Sua indignação, na realidade, era observar uma crescente autonomia da mulher. Ela não aceita passar seu tempo dentro de casa, a conquista do *status* social dá-se nas ruas, nas festas, nos bailes e não mais no meio doméstico. A historiadora Susan Besse comenta sobre as causas da participação feminina no espaço público.

*Ainda que sempre acompanhadas de parentes ou empregadas, eram cada vez mais vistas em parques públicos, praias, casas de chá e lojas elegantes. E, com a intensificação da vida social, contribuíam para incrementar o status da família com a exibição de seus guarda-roupas europeus da moda e suas prendas sociais no teatro, nos bailes, nas festas e nos clubes esportivos.*³²

³² BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade* reestruturação da ideologia de gênero no Brasil de 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999. p. 19.

A participação da mulher fora da vida privada já

era uma realidade vivida. Precisava-se, então, dignificar a função doméstica e materna. Os médicos tiveram um papel importante nessa tarefa. Desde os meados do século passado procuravam persuadir as mulheres de que o amor materno é um sentimento inato, puro, sagrado e de que a maternidade e a educação da criança realizam sua vocação natural. Margareth Rago, no livro *Do cabaré ao lar*, cita Vitorino Assunção, dizendo:

*A mulher que contrai casamento deve ser convencida das leis naturais e morais que a obrigam a exercer o círculo completo das funções de mãe. Se a isto recusar é que há uma falsificação dos sentimentos contrariando as manifestações naturais e sacrificando o dever que é sacrificar a si, a prole e a humanidade.*³³

Temos, portanto, duas personagens que são desajustadas socialmente para o pensamento de Fábio Luz. Martha é caracterizada como uma histérica, o que provoca um desajuste no lar. Anselmo comenta, em tom de reclamação, a Alcibiades:

*Não faço as refeições a horas certas. Martha não vai à mesa. Enclausurada no seu quarto, chorando, cheirando saís, caindo em crises nervosas as menores censuras, ou conselhos. Não sei ... não sei ... o que será de mim. Burro ... que fui em me embeijar assim. Ela, porém, é tão bonita, tão perfeita, tão meiga, quando o diabo do cúme não lhe sobe aquele fogo infernal de raiva e danação.*³⁴

Eulina personifica a mulher-demônio ou mulher “desnaturalizada”, essa mulher se caracteriza por transitar no espaço, exclusivamente masculino e de tomar atitudes ativas e independentes. Esse comportamento de mulher corrompida é identificado em diversas obras teatrais e literárias publicadas em tempos próximos do lançamento do *Ideólogo*. Alguns destes trabalhos são as peças teatrais *Dolls' House* (1879), do sueco Henrik Ibsen, *Magda* (1893), do alemão Hermann Sudermann,

³³ ASSUNÇÃO: 1909 Apud RAGO, L. M. *Os prazeres da noite*: prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo (1890-1930). Campinas: Unicamp, 1990 (Tese de Doutorado). p. 79.

³⁴ LUZ, Fábio. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Typographia Altina, 1903. p. 8.

e os romances *La Garçonne* (1922), do francês Victor Margueritte, *Chijin no ai* (1924), do japonês Jun'ichiro Tanizaki. Assim, Eulina representa uma mulher que cria conflitos, desafiadora da moral masculina, ou seja, busca seu espaço social através de amantes. Negligência, assim, os deveres de esposa, de *domina domi* e recusa a maternidade por motivos estéticos. Tamanha é a independência que caminha sozinha e de forma sensual pelas ruas do Rio de Janeiro. Fábio Luz faz essa reconstrução narrativa para mostrar, no final, Elsa como a esposa-modelo, o *exemplum* a ser seguido por outras mulheres.

No romance, Elsa é filha de Alcibiades; porém, foram os avós que cuidaram de sua educação. Anselmo a conheceu depois que ela foi residir no Rio de Janeiro. Este se casa com Elsa após o falecimento de Martha. Depois de um casamento infeliz,

*Anselmo andava radiante, revelando nos modos, no trato, no olhar, um transbordamento de felicidade. Seu ideal de paz doméstica, de felicidade conjugal ele via realizado. Elsa era a perfeição! O seu lar um céu aberto. Uma ligeira nuvem não esturbara ainda a concórdia dos esposos. Elsa enchia a casa de alegria, de vida, e dos inebriantes perfumes de sua mocidade exuberante, de sua beleza tropical.*³⁵

³⁵ LUZ, Fábio. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Typographia Altina, 1903. p. 179.

A jovem esposa destaca-se, principalmente, por ter evitado a educação burguesa. Seu conhecimento baseia-se em estudos práticos que auxiliam eficientemente no gerenciamento do lar. A mãe-avó, Eulalia, narra a Anselmo os dotes da menina:

*Não se corrompeu com os romances da moda, nem nos internatos. Sua educação foi toda em casa. Quis ir para a Escola Normal, mas se aborreceu. Toca e canta primorosamente (...). Sem necessidade aprendeu a fazer doces, cozinhar e engomar. Depois lhe veio à mania de jardinagem, e pôs a rocinha em que morávamos no Canella e obrigou-nos a tomar professores.*³⁶

³⁶ *Ibidem*, p. 82-83.

Como esposa, organizava a casa com todo zelo e destreza. “Cada ornato, cada tetéia, cada distribuição cuidadosa de objetos indicava um gosto estético aprimorado, um zelo minucioso, uma graça esquisita, uma carinhosa inspeção, uma intuição artística”³⁷. Elsa auxiliava Anselmo também na defesa e construção de uma sociedade igualitária, ajudando-o através de trabalhos domésticos ou por participações políticas, como veremos no seguinte trecho:

³⁷ *Ibidem*, p. 180.

*Limitou por algum tempo a sua propaganda às fábricas e estalagens. Muitas vezes Elsa o acompanhava a título de irmã casada, e com ele passava dias na estalagem, cosendo roupinhas, dando conselhos às mães, fazendo-as crer na necessidade da higiene, do asseio.*³⁸

³⁸ *Ibidem*, p. 184.

Podemos deduzir, então, o apoio a uma camaradagem mais íntima e à compreensão mútua entre os cônjuges. O casamento baseado no companheirismo. A sociedade moderna precisava de mulheres que agissem por seu próprio senso de iniciativa, consciência e dever, não de mulheres que estivessem imobilizadas por maridos tirânicos ou àquelas envolvidas num mundo de futilidades. Segundo Izabel de León,

*A mulher moderna, livre e consciente, tem que construir o seu lar por uma outra forma, que não como até aqui construiu. É um absurdo querer aplicar velhos princípios na formação do lar moderno, como é um absurdo não compreender a mulher, de maneira nova e elevada, as próprias obrigações sociais. O lar, baseado sobre princípios de justiça e perfeita compreensão recíproca de direitos e deveres, estará menos sujeito ao dissolvimento.*³⁹

³⁹ LEÓN *Apud* BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade*. reestruturação da ideologia de gênero no Brasil de 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999. p. 66.

Essa mudança da mulher isolada para a mulher companheira não impediu que o homem se mantivesse como o chefe de família. A mulher continua sendo para o mundo masculinizado, um ser frágil, que necessita de um comando mais racional. Fábio Luz propõe, através do diálogo dos personagens Noronha e

Anselmo, que a mulher é por natureza uma carne fraca, presa fácil das paixões. Vejamos:

Não há dúvida que a educação influencie muito nestas cousas; mas há tendências indomáveis, Anselmo, Mulher e cão de caça pela raça.

— *Que dúvida! Mas para corrigir essas tendências é que não servem as carolices dos claustros, nem a educação dos livros.*⁴⁰

⁴⁰ LUZ, Fábio. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Typographia Altina, 1903. p. 219.

Os homens modernos consolidaram, por meio das leis que regulam o matrimônio, o seu desejo de manter sob controle as mulheres. Tentaram excluir as mulheres de todos os meios sociais, afastando-as da História. Tal idéia também foi corroborada pelos homens historiadores de nosso tempo. Contudo, desprezaram a própria natureza do ser humano, que, independentemente de sua posição social, convive e atua com o meio em que habita. Todo homem está sempre e em todo lugar representando um papel.⁴¹ As mulheres, ao desempenharem seu papel no casamento, fizeram-no em atenção a seus interesses. Com isso, transformavam o casamento profundamente com relação à norma legal sem, às vezes, desrespeitá-la frontalmente. Enfim, elas se utilizaram dos mecanismos de opressão para escapar ao controle.

⁴¹ GOFFMAN, E. *La presentación de la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1971.

Considerações finais

Para se estabelecer os modelos femininos contidos numa obra literária é necessário que se faça uma análise do recorte temporal e espacial no qual o autor se insere — afinal a prerrogativa máxima no estudo do passado é “o homem é sempre de seu tempo”, isso significa que mesmo quando contraria algo se vincula a outra proposta que lhe é contemporânea; além disso, como animal social, não pode abstrair-se das forças e discursos que a todo instante tentam-no no sentido de se vincular à psiqué humana. A partir desta identificação é que podemos estabelecer uma ligação

do romance com as representações simbólicas hegemônicas e contra-hegemônicas em trâmite na sociedade.

Para a “intelligentsia” burguesa, a sociedade era dividida em duas esferas: a pública e a privada. O modelo ideal restringia as mulheres ao ambiente doméstico, cuidando da casa, dos filhos e do marido; portanto, qualquer trabalho realizado pelas mulheres fora do lar era desprezível e perigoso. Apesar da idealização desde o final do século XIX, um grande contingente feminino, provindo, primeiramente, das classes pobres e, posteriormente, das classes médias urbanas, participou ativamente da força de trabalho brasileira. A complexibilidade das relações sociais com todos os seus antagonismos é presente no *Ideólogo*.

Referências

Fonte

LUZ, Fábio. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Typographia Altina, 1903.

Bibliografia Contemporânea

BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade*: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil de 1914-1940. São Paulo: Edusp, 1999.

PANTEL, P. Schmitt. A história das mulheres na história da Antigüidade, hoje. In: DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente*. Lisboa: Afrontamento, 1990.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Razões práticas sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.

BOUDON, Raymond (Org.). A ação. *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

CORREIA, Francisco. Mulheres libertárias: um roteiro. In: PRADO, A. A. *Libertários no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUBY, G.; PERROTT, M. (Org.). *História das mulheres no Ocidente*. São Paulo: Afrontamento, 1990.

FAVERSANI, F. A concepção de Estado em Sêneca. *Boletim do CPA*, Campinas, n° 5/6, 1998.

FOUCAULT, M. Poder – corpo. In: *Microfísica do poder*. Org. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. *A história da sexualidade*: vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOFFMAN, E. *La presentación de la vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu, 1971.

LUIZETTO, Flávio. O recurso da ficção: um capítulo da história do anarquismo no Brasil. In: PRADO, Antônio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil, luta*: memória cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NADER, M. B. *Mulher*: do destino biológico ao destino social. Vitória: EDUFES, 2001.

PASSETTI, E. Foucault Libertário. *Margem*. Faculdade de Ciências Sociais – PUC – SP, 1996.

PROUDHON, P. J. *O que é a propriedade?* 3. ed. Tradução Marília Caeiro. Lisboa: Estampa, 1997.

RAGO, L. Margareth. *Do cabaré ao lar*: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Os prazeres da noite*: prostituição e códigos da sexualidade em São Paulo (1890-1930). Campinas: Unicamp, 1990 (Tese de Doutorado).

SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, v. 16, n. 2, 1990. p. 5-22.

SILVA, G. V. da; NADER, M. B. & FRANCO, S. P. (Org.). *História, mulher e poder*. Vitória: EDUFES, 2006.